

Uma paixão devastadora*¹

Vera Pollo*²
Liliane Barbosa*³

O presente artigo aborda o tema da “paixão devastadora” e indaga qual seria sua diferença de uma relação de amor; apoiando-se na teoria psicanalítica de Freud e de Lacan e na contribuição de Lessana. Apresenta dois fragmentos clínicos que desvelam como a relação com a mãe produz obstáculos na vida amorosa das jovens mulheres. Conclui que na paixão predomina o imaginário e, no amor, o simbólico. Por fim, ressalta que a devastação mãe-filha é menos nefasta que o arrebatamento.

Palavras-chave: Paixão, amor, devastação mãe-filha, imaginário, simbólico

*¹ O presente artigo retoma e desenvolve o trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, realizado em Belo Horizonte, de 4 a 7 de setembro de 2014.

*² Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br).

*³ Mestranda na Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br).

Introdução

(...) o amor, se está aí uma paixão que pode ser ignorância do desejo (...) mais de perto, veem-se as devastações.

(Lacan, 1972/2003)

438 Talvez nos devesse surpreender a constatação de que em nossa cultura ocidental o vocábulo paixão (Buarque de Holanda, s/d.) — do latim tardio *passio-onis*, derivado de *passus*, particípio passado de *pati*, sofrer — é geralmente utilizado para descrever a série de sofrimentos de Jesus no decorrer de seu julgamento e condenação à morte por crucifixação, o sintagma mais frequente é “Paixão de Cristo”. Pois não é raro que os sujeitos procurem uma análise movidos pelo que eles próprios consideram um amor impossível ou louco, uma paixão, enfim, uma devastação. Na linguagem cotidiana, o vocábulo paixão adquiriu uma conotação diversa, embora mantenha a associação com a ideia de sofrimento, afasta-se cada vez mais da conduta sacrificial.

O presente artigo desenvolve o argumento de que a emergência de uma “paixão devastadora” na clínica psicanalítica implica frequentemente a análise da relação mãe-filha, que, subjacente a ela, a determina e modela. Caracteriza-se assim o que, na falta de uma expressão melhor, chamaremos de “lamúria feminina” ou “queixa de mulheres jovens.” Então, se nos impõe indagar a distinção entre o amor e a paixão.

A teoria do amor no texto de Freud e no ensino de Lacan

O amor é certamente um dos pilares centrais da teoria psicanalítica, uma vez que chega a ser sinônimo de transferência, um de seus conceitos fundamentais. Tão logo Freud começou a elaborar a teoria da transferência, foi levado a distinguir entre uma forma terna de amar e outra explicitamente erótica. Esta última indicava a natureza de resistência da própria transferência, paradoxalmente contrária à efetivação

do processo analítico. Em 1914, seu texto de “Introdução ao narcisismo” bem poderia ser chamado de “Tratado sobre o amor”, já que ele parte da importância verdadeiramente essencial do amor narcísico na constituição do ser falante, pois, ou a criança ocupa para os pais o lugar de *His Majesty the baby*, o objeto amado e idealizado, ou lhe restará o lugar de fetiche,¹ ora alisado, ora maltratado, objeto de gozo, não de amor. Nesse mesmo texto, embora Freud mencione a diferença entre o amor narcísico especular e o amor anaclítico ou de apoio, ele deixa claro que o primeiro é bem mais frequente, pois se o que amamos em nossos semelhantes é a imagem do que um dia fomos ou o ideal que almejamos alcançar, não é o outro que amamos, mas o espelho de nós mesmos. O eu se ama no outro.

A referência freudiana ao sujeito apaixonado ocorre no texto da “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921. O apaixonado é humilde, porque investe a maior parte de sua libido no objeto, conseqüentemente, a autoestima e o amor próprio acham-se rebaixados. O objeto amado é sempre passível de idealização, assim como a pulsão é passível de sublimação. O objeto ideal, como o nome o indica, não pode corresponder inteiramente a nenhum ser encarnado e a pulsão sublimada não visa à satisfação genital. Mas isso não é tudo! Os afetos mudam com o passar dos anos. O amor pode ceder lugar ao ódio, e embora Freud tenha concluído que o amor e o ódio não provêm da mesma pulsão, não é raro que sejam definidos como as duas faces de uma só moeda.

A substituição do amor pelo ódio, prová-la-ia se necessário fosse, da guinada própria ao delírio erotômico, em que o semelhante humano interpretado inicialmente pelo sujeito como alguém que lhe envia sucessivos signos de amor passa subitamente ao lugar daquele que o odeia e, por isso, o persegue. Nessa guinada, o sujeito pode ser levado ao ato homicida. Se em todo suicídio existe um assassinato embutido, a recíproca também é verdadeira: em todo assassinato, há um suicídio. “O eu é um outro”, escreveu Rimbaud² ainda no século XIX. Os poetas trágicos sempre souberam o que Freud se viu compelido a escrever: “na cegueira do amor, a falta de piedade pode ser levada até o diapasão do crime” (Freud, 1921/2006c, p. 143).

¹Em “Nota sobre a criança”, Lacan (1969/2003) ressalta que o sintoma da criança pode “atestar a culpa, servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial” (p. 370).

²Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891) é considerado precursor do surrealismo e do simbolismo moderno.

Um sujeito pode opor-se ao amor ativo de três modos diferentes: no ódio, na indiferença, ou no desejo de ocupar apenas o lugar do objeto amado. Tais binômios de oposição aparecem primeiramente no texto de Freud (1915/2006b)³ no momento em que ele aborda a possibilidade da transformação no contrário do conteúdo de uma pulsão. O binômio amor ativo/amor passivo está também na base do que, em seu *Seminário, livro 8*, Lacan (1960-1961/2010) chamou de “o milagre da transferência”, quando um determinado sujeito passa da posição de Erômenos — o amado, a criança amada — para a posição de Erastes — o amante, aquele para quem o ato de amar se torna mais importante do que ‘ser amado’.

440

É provável que a primeira referência de Lacan às paixões seja a da última lição de *O seminário, livro 1* (1953-1954/1979), quando dialoga com a obra de Santo Agostinho. Ao fazê-lo, ele introduz desde então a tríade com que trabalharia até o fim de seu ensino: o real, o simbólico e o imaginário, definindo-os naquela ocasião como “os diferentes domínios em que se estende a relação inter-humana” (p. 314). Real, simbólico e imaginário apresentam pontos de junção, mas também rupturas. Nos termos de Lacan, os fenômenos transferenciais incluiriam também a paixão da ignorância, pois amor, ódio e ignorância correspondem às três paixões do ser. Diferentemente do desejo, que visa à satisfação, o amor visa ao ser e dele só se pode falar onde existe uma relação simbólica.

Lacan se empenha em distinguir entre o amor como paixão imaginária e o amor como dom ativo. O primeiro equivale ao desejo de ser amado e nada mais é do que desejo de captura, isto é, desejo de capturar o outro como objeto. Em contrapartida, em sua forma ativa, “amar é amar um ser para além do que ele parece ser”, motivo pelo qual “quando o ser amado vai muito longe na traição de si mesmo e persevera na tapeação de si, o amor não subsiste” (p. 315).

Já em “Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina”, Lacan (1958/1998b) chama a atenção para o fato de que as mulheres amam “eroto-maniacamente”, enquanto os homens o fazem “fetichisticamente”, corroborando assim a observação freudiana de um defasagem entre a vida amorosa das mulheres e dos homens. Como dito acima, a erotomania é uma forma de delírio em que a iniciativa é sempre atribuída ao outro, como na frase “é ele quem me ama”. O amor fetichista, como o nome o indica, pressupõe a existência do objeto-fetichismo de onde provém a atração, e não do corpo feminino. Trata-se de

³Referimo-nos aqui ao texto “As pulsões e seus destinos”; na tradução da Imago, “Os instintos e suas vicissitudes”.

um objeto que sofre os efeitos da ambivalência amor/ódio, condição *sine qua non* do gozo masculino, na exata medida em que, sobrepondo-se a um corpo de mulher, ele o completa, isto é, desmente-lhe a falta.

Na série de paixões devastadoras, como Lacan (1957-1958/1998c) as articulou em diferentes momentos de seu ensino, há em primeiro lugar sua referência à devastação causada pelo pai, que, em vez de funcionar como representante da lei, “realmente tem a função de legislador ou dela se prevalece” (p. 586); alguns anos depois, ele se refere explicitamente à devastação mãe-filha (1972/2003), que abordaremos adiante; por último, em 1976, ele menciona a devastação que o homem pode representar para uma mulher, distinguindo-a da função--sintoma que a mulher pode ter para um homem.

Na década de 1970, voltando a enfatizar tudo o que o amor deve à palavra, ele introduz em sua teoria o vocábulo *parlêtre*.⁴ Nessa ocasião, seus matemas dos quatro discursos⁵ lhe permitem demonstrar o caráter de transitoriedade do amor dos seres falantes. Por situar-se na passagem de um discurso a outro, no espaço entre duas diferentes modalidades de laço social, o amor tem a natureza de uma *daimon*,⁶ um ser intermediário, por isso mesmo efêmero. Com o passar dos anos, Lacan (1972/1985) conclui que o amor pode ser definido como “uma paixão que pode ser ignorância do desejo” (p. 12). Ele forja um significante novo, condensando numa só palavra o amor e o ódio, *hainamoration*,⁷ comumente traduzido por “amódio”. E distingue entre o amor e o gozo, pois, se há gozo nas juras de amor, ou mesmo em se falar dele, nem por isso o gozo do corpo vem a ser o que chamamos uma “prova de amor”.

A tríade amor/ódio/ignorância fica estabelecida nos seguintes termos: “...na junção do simbólico e do imaginário, essa fenda, se vocês quiserem, essa aresta, que se chama o amor; na junção do imaginário e do real, o ódio; na junção do real e do simbólico, a ignorância” (Lacan 1953-1954/1979, p. 309). Mas as junções entre dois domínios não são estáticas, já que o nó de que se trata nada mais é do que o sujeito, e este, sabemos desde Freud, sofre frequentes rearranjos em sua realidade psíquica. Vê-se então que, para

⁴Termo forjado por Lacan mediante a condensação do verbo *parler*, falar, e *être*, ser.

⁵O seminário. Livro 17. *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) em que Lacan divide a civilização em quatro discursos: do mestre, do histórico, do analista e da universidade.

⁶Em sua origem grega, o conceito de *daimon* conecta-se às afetações humanas de corpo e espírito. O nome em latim é *daemon* que veio a dar o vocábulo em português demônio.

⁷Em francês: *haine*, ódio, e *énamoration*, enamoramento. *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda* (1972-1973/1985).

que o amor derive na paixão do ódio, será preciso que o imaginário recubra o simbólico; em contrapartida, o amor arrisca derivar na paixão da ignorância, quando o simbólico recobre inteiramente o imaginário.

A relação mãe-filha: uma paixão devastadora

442 Nos termos psicanalíticos, aquele que desempenha a função materna de acolhimento das urgências vitais e de transmissão da língua, é necessariamente o primeiro objeto externo do sujeito, primeiro Outro do amor para os sujeitos dos dois sexos. Freud observou que, nos homens, essa dependência pode ocasionar uma importante divisão em sua vida amorosa, levando-os a, de um lado, relacionarem-se com a mulher do amor, como substituta direta desse Outro primordial, porém, de outro, com a mulher do desejo, cujo protótipo se encontra todavia sob a barra do recalque. Lacan (1958/1998b) afirmou ter encontrado uma divisão semelhante nas mulheres entre o gozo sexual e o amor, entre um homem objeto de desejo e outro objeto de amor. Tratar-se-ia, contudo, de uma divisão menos evidente do que a masculina, pelo fato de que o homem objeto de amor corresponde a uma figuração do pai no inconsciente, e não raro se confunde com figuras do imaginário social, demoníacas ou divinas.

A clínica psicanalítica não cessa de confirmar ainda hoje as observações finais de Freud acerca do caráter de exclusividade da relação mãe/filha e de sua longa duração, que não raro a transforma no embrião de um delírio paranoico de envenenamento, ou afim, em que o agente é uma figura materna ou a própria mãe. Por isso ele empregou o termo “catástrofe” para referir-se aos efeitos da paixão devastadora presente na relação mãe/filha, e na vida adulta de muitas mulheres. Nesse caso, o sujeito mulher experimenta não apenas uma dificuldade muito grande de separar-se dos ideais maternos, como transfere para o parceiro — do sexo ou do amor — as ideias e os afetos originalmente vividos na relação com esse Outro que acolheu o *infans* em seu desamparo físico e psíquico.

Os impasses na vida amorosa das mulheres costumam evidenciar aquilo que Lacan (1972/2003), na esteira de Freud e no âmbito da sua elaboração das fórmulas quânticas da sexuação, classificou como “devastação”.⁸ Em seus

⁸Em francês *ravage* cuja raiz etimológica é a mesma de *ravissement* e *ravinement*, arrebatamento e deslumbramento.

termos, trata-se da dolorosa realidade que uma mulher enfrenta “em sua relação com a mãe, de quem, como mulher, espera mais substância que do pai” (p. 465).

Em seu livro intitulado *Entre mère et fille: um ravage (Entre mãe e filha: uma devastação)*, Marie-Magdeleine Lessana (2000) desenvolve o tema da devastação mãe-filha, baseando-se no estudo da correspondência epistolar entre Madame de Sévigné e sua filha, bem como em biografias, textos e depoimentos sobre mulheres que se tornaram socialmente conhecidas na França. Entre elas, Marlène Dietrich, Camille Claudel, Marguerite Anzieu e outras. A autora considera paradigmática da devastação mãe/filha a relação entre Mme. de Sévigné e sua filha, Mme. de Grignan. Os efeitos nefastos na vida sexual e pessoal de ambas são explicitados no intercâmbio epistolar que mantiveram durante 12 anos, perfazendo um total de 772 cartas, das quais 402 foram escritas pela mãe, as demais pela filha.

Segundo Lessana, tudo se passa como se, no centro do turbilhão mãe-filha, existisse uma deslumbrante⁹ imagem do corpo de uma mulher. Trata-se de um corpo cujo brilho equivale à promessa de um gozo desconhecido, uma imagem simultaneamente desejada e desejável, a qual teria sido entrevista em uma espécie de *flash* ou de instantâneo obscuro. No campo do olhar, essa imagem corresponde a um ponto que não reflete e, portanto, não identifica, mas aspira em direção a um estado “que vai do êxtase ao desaparecimento; um ponto de pura subjetividade do vazio, do nada” (Lessana, 2000, p. 11).

Entre as conclusões a que chega a autora, destaca-se o esclarecimento de que o fenômeno da devastação mãe-filha não é um duelo nem a divisão de um bem, mas “a experiência que consiste em dar corpo ao ódio torturante e surdo, presente no amor entre elas, pela expressão de uma agressividade direta” (p. 12). Resumidamente, há um confronto direto entre a filha e a mãe, por meio de seus corpos, sobre as questões da feminilidade. A devastação (*ravage*) não é da ordem do dom, ao contrário, é a prova da impossibilidade da transmissão de marcas do feminino. E uma vez que “a prova” se situa no próprio lugar em que a identificação é impossível, sobrevêm a raiva, o enlouquecimento e o excesso que se cristalizam em eventos persecutórios. No entanto, ainda segundo Lessana, os efeitos da devastação não são piores do que os do arrebatamento (*ravissement*), pois, quando a filha não tem nem a força nem a possibilidade de entrar na devastação, a relação homem-mulher

⁹A autora chama a atenção para a proximidade semântica, na língua francesa, entre o verbo *ravir*, devastar, *ravage*, devastação, e *ravissement*, deslumbramento, arrebatamento.

será inteiramente contaminada pela relação mãe-filha e vivida aos moldes de uma drogadicção. A devastação começa, portanto, quando a menina deixa ver os primeiros sinais da futura mulher e termina, nos melhores casos, com a queda do caráter persecutório da imagem e a inscrição do corpo como lugar em que um gozo, não mais errante, porém “gozo próprio”, poderá advir.

A bailarina do ‘amor absoluto’: Érica

Érica é uma jovem de 26 anos que mora sozinha no Rio de Janeiro. Menciona que a mãe a acusa de tê-la abandonado e a atormenta sistematicamente. Em seu percurso analítico, questiona-se por não conseguir namorar, e conclui que só consegue amar via idealização. Chega mesmo a indagar se o único amor real é aquele que se escreve sobre a lápide, pois fez um passeio ao cemitério e leu lindas frases de amor eterno escritas sobre os túmulos. “Seria este o amor verdadeiro?”.

444

Gradativamente, Érica se dá conta do quanto se expõe a situações de risco e de que precisa duvidar da fala materna sobre o próprio amor. “É possível acreditar no amor de quem vigia e invade?”, pergunta-se a jovem. Não estaria sua mãe repetindo com ela o que ela alegava ter sofrido com uma irmã mais velha?

Em uma de suas sessões, diz que foi assistir ao filme *O Cisne Negro*, na versão de Darren Aronofsky (2010). Relata que ficou muito tocada, sentiu taquicardia o tempo todo e, na saída, pensou em se matar atirando-se na rua sem olhar para os lados. O filme conta a história da jovem Nina que, para satisfazer os caprichos de sua mãe, investe todo seu ser numa ilusória ambição: ser uma bailarina perfeita, conseguir o papel da “Rainha dos cisnes”. É importante ressaltar que sua mãe também fora bailarina e abandonara a carreira justamente ao engravidar de Nina. Seu pai era o diretor artístico, em cujas palavras o papel da “Rainha dos Cisnes” deveria ser o de

Uma garota virginal, pura e meiga, presa no corpo de um cisne. Ela deseja a liberdade, mas apenas um amor verdadeiro pode quebrar o feitiço. Seu desejo quase se concretiza na forma de um príncipe, mas antes que ele declare o seu amor, a luxuriosa gêmea, o cisne negro, o engana e o seduz. Devastado, o cisne branco sobe num penhasco e se mata. E na morte, encontra a liberdade. (Aronofsky, 2010)

As elaborações que se seguiram ao relato do filme corresponderam a um momento de “retificação subjetiva” (Lacan 1958/1998d, p. 602), retificação

das relações do sujeito com o real. A partir daí, implicando-se em sua queixa, Érica começou a indagar o modo como ela própria contribuía para a relação devastadora que até então sustentava com a mãe. Conseqüentemente, começaram a cair os significantes do ideal, fonte de autodepreciação e culpa, mediante o bem conhecido mecanismo em que o supereu compara o eu-real e seu próprio ideal. Entre tais significantes, merecem destaque: “o amor verdadeiro” e “a liberdade, mesmo que ao preço da morte”.

Maria Antonieta entre o “teoricamente aberto” e o “namoro sufocante”

Maria Antonieta, jovem de 23 anos, veio do Nordeste com a mãe e a irmã e assim se apresenta:

Eu, minha mãe e minha irmã somos as três unidas que saímos do outro extremo do país para virmos morar aqui. Somos grudentas, como carrapato. Não consigo namorar porque não tenho paciência para entrar nesse processo de conhecer as pessoas, marcar encontros. Quando eu quero beijar um cara, simplesmente roubo-lhe um beijo e pronto! Minha mãe fez os dois papéis para mim: o de mãe e o de pai. Somos um bloco.

No decorrer das sessões, relata seus amores como sendo incompreensíveis para ela própria. No primeiro namoro, traiu o namorado no dia do aniversário dele e foi pega em flagrante, configurando desse modo uma dupla traição: a ele e a ela. No segundo, “pagou todos os pecados anteriores”, pois ele “era um rapaz problemático e narcisista”. No início, haviam se proposto a um relacionamento “teoricamente aberto”, até que ela passou a ficar com outros homens na frente dele. Tomado de ciúmes, ele começou a fazer atos vexaminosos em lugares públicos e o relacionamento se desgastou por completo. O terceiro não chegou a ser um namoro. Ela não ter conseguiu entender o que tinha de fazer para que o rapaz acreditasse que desejava, de fato, ficar com ele. Entretanto, acabava ficando com outros homens e ele acabou se afastando. Foi preciso que ele começasse um namoro “sério” com outra moça, para que ela passasse a se questionar se, afinal de contas, não seria melhor um “namoro sufocante”.

Afirma que detesta o namorado da mãe, “um homem inútil, velho, que não tem dinheiro e só faz piadas sem graça”. Mas não entende porque as amigas lhe dizem que “tem raiva de homem”. Sem se dar conta da projeção de seus desejos edipianos, ela afirma que o pai não apenas a abandonou, como

tentou roubar-lhe a mãe ainda na infância. Falta a diversas sessões e alega que teve de ajudar a mãe em sua confecção de bonecas de pano. Deixando ver a questão histórica sobre o sexo próprio, diz ser “*meio homem*” e também que assusta os homens com a narrativa de suas experiências sexuais. Ao falar sobre o seu nascimento, afirma ter sido “*um acidente da paixão*” e “*fruto de uma gravidez não planejada*”. A ambiguidade significante desvela sua divisão e indeterminação subjetiva: se “*fruto da paixão*”, então foi desejada, mas “*fruto de um acidente*”, não pode ter sido desejada.

Uma reflexão final

446 Érica e Maria Antonieta — dois nomes evidentemente fictícios — são duas jovens que buscam um tratamento analítico para alcançar mudanças em suas vidas amorosas. Ao darem prevalência à demanda de amor em detrimento do que tem a ver com o desejo propriamente dito, desvelam um mecanismo que é próprio à neurose, mas que também caracteriza um traço do feminino. Não há claras evidências de características erotômanas em suas relações com os parceiros masculinos. Há semelhanças entre suas “lamúrias”, mas há também importantes diferenças entre a posição subjetiva de uma e outra. As semelhanças se reduzem ao fracasso na relação com os homens e ao lugar de relevo que a relação com a mãe ocupa em suas vidas. Mas se a fala de Érica adquire às vezes uma tonalidade paranoide, é Maria Antonieta quem apresenta obstáculos à análise do fenômeno da devastação. Isto não tanto pelo fato de que se descreva como uma mulher “meio homem”, mas pela forma holofrásica como encerra a descrição de sua relação com a mãe e a irmã: “Somos um bloco”. A não entrada na devastação pode indicar que a moça não irá separar-se dos ideais maternos, e, sem isso, não lhe será possível uma relação “pacificada” com os homens. A impossibilidade em que ela se encontra de analisar a relação com a mãe nos remete à observação de Lessana (2000), segundo a qual

pode acontecer (...) que a imagem de um corpo luminoso de mulher permaneça fixada à mãe ou a uma mulher adulta (...) Acontece também que a mãe desliza para a posição de filha, para ser cuidada e protegida pela filha do perigo que ela apreende, numa espécie de chantagem com a doença ou com a morte (...) A moça teme engajar-se no risco de perder a sua mãe, o que equivaleria a perder tudo, ou a se perder. (p. 12)

Se distinguimos no decorrer do texto entre a paixão, como fenômeno imaginário, e o amor, como da ordem do simbólico, verificamos que, ainda mais importante, nos parece ser a distinção entre o amor e o desejo, bem como entre o desejo e o gozo, as quais dependem, sobretudo para as jovens mulheres, da análise do que foi, e do que ainda é, a relação mãe-filha em suas determinações conscientes e inconscientes, em suas consequências de arrebatamento ou devastação.

Referências

- Aronofsky, D. *Cisne Negro*. Estados Unidos, Fox Searchlight Pictures, 108 minutos. 2010.
- Buarque de Holanda, A. F. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (12ª impressão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.
- Claudel, P. (1977). *Partage de midi* (pp. 7-150). Paris: Gallimard (Trabalho original publicado em 1949).
- Freud, S. (1996a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 7, pp. 128-217). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996b). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 11, pp. 159-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996c). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v.19, pp. 281-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935).
- Freud, S. (1996d). Feminilidade. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 22, pp. 66-79). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933-1932).
- Freud, S. (2006a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 81-110). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2006b). Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 271-284). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

ARTIGOS

- Freud, S. (2006c). Psicologia das massas e análise do eu. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 18, pp. 81-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Lacan, J. (1958-1959). *O seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. Inédito.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário. Livro 22. R.S.I. Seminário inédito. Lição de 21 de janeiro*.
- Lacan, J. (1979). *O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-54).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise* (pp. 9 -208). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70).
- Lacan, J. (1998a). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In *Escritos* (pp. 749-775). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998b). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos* (pp. 734-748). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998c). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1998d). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (2003). Notas sobre a criança. (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Lacan, J. (2003). O Aturdido. In *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972).
- Lacan, J. (2010). *O seminário. Livro 8. A transferência* (pp. 31-190). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-61).
- Rocha Miranda, E. da (2011). *O gozo feminino*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Lessana, M.-M. (2000). *Entre mère et fille: um ravage*. Paris: Pauvert.
- Soler, C. (2003). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Resumos

(A devastating passion)

The following article addresses the theme of “devastating passion” and discusses what would be its main differences to a love relationship, based on Freud’s and Lacan’s psychoanalytic theories as well as a Lessana’s contribution. It analyzes two clinical fragments that unveils how a mother-daughter relationship produces obstacles in the love life of young women. The conclusion is that in passion the imaginary prevails, whilst, in love, symbolism is fundamental. Finally, it emphasizes that the mother-daughter devastation is less nefarious than rapture.

Key words: Passion, love, mother-daughter devastation, imaginary, symbolic

(Une passion ravageante)

Ce texte traite le thème de la “Passion ravageante” et il interroge en quoi elle se différencie d’un rapport amoureux, en s’appuyant sur la théorie psychanalytique de Freud et Lacan et la contribution de Lessana. Il présente deux fragments cliniques qui dévoilent comment le rapport à la mère produit des obstacles à la vie amoureuse des jeunes femmes. Il souligne que, dans la passion, il y a la dominance de l’imaginaire, tandis que, dans l’amour, il s’agit du symbolique. Il conclut qu’il ya des distinctions encore plus importantes: entre l’amour et le désir, entre le désir et la jouissance.

Mots clés: Passion, amour, ravage mère-fille, imaginaire, symbolique

(Una pasión devastadora)

El presente artículo aborda el tema “pasión devastadora” y cuestiona cual sería la diferencia entre esta última y una relación de amor utilizando la teoría psicoanalítica de Freud y Lacan y la contribución de Lessana. Presenta dos fragmentos clínicos que desvelan la relación con la madre produciendo obstáculos en la vida amorosa de las mujeres jóvenes. Concluye que predomina lo imaginario en la pasión, y en el amor, lo simbólico. Por último, resalta que la devastación madre-hija es menos nefasta que lo arrebatamiento.

Palabras clave: Pasión, amor, devastación madre-hija, imaginario, simbólico

(Zusammenfassung: Eine verheerenden Leidenschaft)

Der folgende Artikel behandelt das Thema der “verheerenden Leidenschaft” und erörtert was der Unterschied zu einer Liebesbeziehung wäre. Er stützt sich dabei auf die psychoanalytischen Theorien von Freud und Lacan sowie einem Beitrag aus den Werken von Lessana. Es werden zwei klinische Fälle analysiert, die zeigen, inwiefern die Mutter-Tochter-Beziehung, Hindernisse im Liebesleben junger Frauen schafft. Schlussfolgernd legt der Text dar, dass in der Leidenschaft die Vortstellung

ARTIGOS

dominiert, während es in der Liebe die Symbolik ist. Zuletzt, betont er, dass die Zerstörung Mutter-Tochter Beziehung weniger ruchlos ist als die Hingerissenheit.

Schlüsselwörter: Leidenschaft, Liebe, Zerstörung Mutter-Tochter, Vorstellung, Symbolik

(具有强大杀伤力的激情)

本文讨论关于”具有强大杀伤力激情”的议题。作者利用弗洛伊德(Freud), 拉孔(Lacan) 和勒萨那(Lessana) 的心理分析学理论, 研究了爱情关系的种

分。作者分析了两个临床病例, 关于母亲在女儿的恋爱方面制造障碍的病例。作者的结论是, 在”激情”里, 想象占据主导地位, 而在”爱情”上, 象征意义占据主导地位。最后, 作者认为, 激情在母亲--女儿关系中的杀伤力, 不亚于精神绑架。

关键词: 激情, 爱情, 母-女关系的伤害, 想象, 象征意义

450

Citação/Citation: Pollo, V.; Barbosa, L. (2016, setembro). Uma paixão devastadora. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(3), 437-451.

Editores do artigo/Editors: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck e Profa. Dra. Sonia Leite

Recebido/Received: 11.3.2015/ 3.11.2015 **Aceito/Accepted:** 15.6.2015 / 6.15.2015

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: Os autores declaram não ter sido financiados ou apoiados / The authors have no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: Os autores declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

VERA POLLO

Mestre e Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Br); *DEA du Champ Freudien* pelo Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Saint-Denis (Paris, Fr.); Professora Titular do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br) e da Especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio; Membro (A.M.E.) da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, IF-EPFCL (Rio de Janeiro, RJ, Br); Psicanalista do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, NESA/HUPE/UERJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Autora de *Mulheres histéricas* (Contra Capa, 2003) e *O medo que temos do corpo* (7Letras, 2012).

Rua Benjamin Batista, 15/101 – Jardim Botânico
22461-120 Rio de Janeiro, RJ, Br
verapollo8@gmail.com

LILIANE BARBOSA

Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Br); Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br); Doutoranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela mesma instituição.

Rua Conde Lages, 54/303 – Glória
20241-080 Rio de Janeiro, RJ, Br
rbiliane@gmail.com.



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.